

RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA ACADEMIA: VIVÊNCIAS NO MESTRADO

Suziane de Oliveira dos Santos Gonçalves¹
Bruna Garcia da Cruz Canellas²

RESUMO

Este trabalho busca discutir as relações entre colegas na pós-graduação e qual a importância para motivação, saúde mental e emocional de nós, pesquisadoras. Por meio de uma pesquisa qualitativa com um método autoetnográfico, que nos permitirá escrever em primeira pessoa, descreveremos nossos percursos acadêmicos e como nossa relação se constituiu e impactou positivamente não somente em nossas produções acadêmicas como em nossas emoções potencializando a nossa motivação. A autoetnografia de acordo com Miranda e Bortoletto (2018) permite ao pesquisador ser sujeito e objeto de forma ativa em sua pesquisa. Quanto a relação acadêmica Santos, Oliveira e Dias (2015) avaliam que os vínculos estabelecidos com colegas são fundamentais para a adaptação em relação ao curso. Para compreendermos um pouco mais sobre o papel das emoções, nos apoiamos em Valente e Almeida (2020) que afirmam que um indivíduo emocionalmente inteligente é aquele que consegue processar sua emoção e gerir sentimentos que facilitam seu pensamento, sua aprendizagem e sua cognição.

Palavras-chave: relações acadêmicas; mestrado; educação emocional; vivências.

INTRODUÇÃO

No Brasil, os mestrados e doutorados originaram-se no final da década de 1960 e inícios de 1970 por meio de uma política de organismos estatais como nos afirma Gatti (2001):

Desde sua origem, mestrados e doutorados foram destinados a uma elite. A seletividade para ingressar era altíssima; na ausência de parâmetros, pela inexistência desses cursos no país e o estímulo inicial aos mestrados especialmente, as dissertações de mestrado exigidas eram quase sempre equivalentes a teses de doutorado, se comparadas internacionalmente. Na verdade, adotaram-se em várias áreas, para o mestrado, padrões que em outros países encontravam-se nos doutorados. Além da seletividade inicial, a evasão também se mostrava alta (GATTI, 2001, p.108).

A entrada no mestrado é bastante desafiadora, seja ela de forma presencial ou virtual, em tempos pandêmicos ou não. Nesses dois formatos encontramos desafios

¹Mestra pelo Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense - UFF, suziane.o.goncalves@gmail.com;

²Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense - UFF, bgcc.canellas@gmail.com.

como organização do tempo, saúde mental e emocional, produtividade, participação em eventos, relações interpessoais, entre outros, que não são explicados por professores, orientadores ou mesmo dentro da sala de aula. Estes desafios acabam sendo esclarecidos por meio de trocas com os colegas da turma e os mais experientes que já vivenciaram essas situações.

Uma pesquisa realizada por André Faro, em 2013, sobre o estresse e estressores na pós-graduação, concluiu que o estresse impacta os pós-graduandos como um todo, não sendo problema exclusivo de determinado nível de formação ou área. Sobre os principais estressores percebeu que a pressão pelo bom desempenho no curso e diante da banca de defesa, além da interferência dos estudos sobre outros aspectos da vida, foram os fatores mais citados como preocupações para com seu curso. Outras questões foram citadas como: relação às dificuldades, às finanças pessoais, a compatibilização entre vida de estudante e vida pessoal, o tempo disponível para os estudos e a pressão por publicação.

A partir das nossas vivências podemos observar que às relações interpessoais acadêmicas são fatores fundamentais para atravessarmos a pós-graduação. Oliveira e colaboradores (2008 *apud* BARDAGI & HUTZ, 2012) fizeram uma pesquisa com quase 3000 alunos de todos os níveis da graduação que buscaram auxílio no serviço de saúde mental de uma universidade paulista entre os anos de 1987 e 2004. Estes autores descobriram que as queixas sobre problemas de relacionamento interpessoal na universidade estavam entre os principais motivos de busca de atendimento.

Entretanto, Bardagi e Hutz (2012) apontam, a partir de outras pesquisas realizadas no que se refere às relações com os pares, bons índices de integração e baixo nível de conflito e que quando são mencionados as principais dificuldades dos alunos são em relação aos colegas que costumam ter posturas mais individualistas, apontando que, ao invés de cooperarem entre si, formando uma verdadeira parceria, os alunos assumiram uma postura de falta de apoio e, até mesmo, de rivalidade.

Dessa forma, a educação emocional aparece como uma forma de tornar o indivíduo mais inteligente emocionalmente e possibilita um convívio social mais estável, facilitam com que ele consiga trabalhar em grupo e tenha confiança para uma abertura relacional com os colegas, vivenciando um relacionamento interpessoal prazeroso e produtivo.

Diante da carência de pesquisas no âmbito relacional entre colegas na pós-graduação, nossa reflexão vem no sentido de refletir que precisamos cada vez mais fortalecermos os laços e as trocas no meio acadêmico, inserindo o outro como parte deste processo.

Para mim, Suziane, minha entrada no mestrado começou muito antes do processo seletivo, fiz um percurso mais trabalhoso, fui ouvinte por dois semestres para entender melhor o que era o mestrado. Como ouvinte, participei de uma turma de mestrado que já estava no segundo semestre. Achei todos muito inteligentes e senti dificuldades de acompanhar as reflexões de alto nível, mas ainda que não entendesse a fundo os temas, sempre me preocupei em ler e participar de alguma fala para me desafiar a interagir.

A linha escolhida por mim era uma linha que abordava uma perspectiva que não dialogava integralmente com as minhas convicções e me sentia acuada a não revelar quem de fato eu era. Aí entra a importância da relação acadêmica. Uma colega de turma, percebendo os meus conflitos e as minhas dúvidas quanto às linhas, me explicou e sugeriu conhecer uma outra no próximo semestre. Essa dica foi valiosa. Foi o que fiz, mandei um e-mail para um professor e me identifiquei com ele e com a linha. Fiz a disciplina como ouvinte numa turma que estava começando. Me sentia bem, feliz e no mesmo nível da turma. Essa turma também foi fundamental para minha formação. Meus colegas me deram dicas, mostraram seus projetos, indicaram bibliografia, falaram de professores, enfim, criei uma rede de contatos de pessoas que vivenciavam um mundo o qual eu me preparava para entrar. Eu entrei no mestrado, mas estes contatos sempre foram mantidos para dúvidas de relatórios, de referências, de contatos de pesquisa e de trocas pessoais tão necessárias para nos motivar.

A minha “nova turma”, a que oficialmente eu estava cursando, também foi muito especial na minha formação. Nessa turma pude retribuir muito do que recebi anteriormente. Impedi que alguns colegas desistissem do mestrado no auge da ansiedade por acharem que não dariam conta. Ouvi atentamente suas angústias sempre com uma palavra encorajadora. E entre cafés e almoços, conseguimos superar as disciplinas obrigatórias e eletivas. Hoje me recordo com saudade das nossas risadas, reflexões, dores e incertezas que o processo da pós nos impõem.

E chegou o momento da escrita e com ele veio a pandemia, e aí uma nova experiência se impôs: orientação, eventos e grupo de pesquisa, tudo seria remoto.

Pensei: se o mestrado não é fácil no presencial e a relação com os colegas se torna uma rede de apoio valiosa, imagina como será para as pessoas que entram? E aí entra a Bruna na minha vida pessoal e acadêmica. Nosso orientador decidiu realizar uma orientação em grupo. Éramos duas mestrandas e duas doutorandas. Eu já na metade do curso, me sentia impulsionada a ajudar a Bruna que estava começando o processo. Claro que ela tinha vivido experiências interessantíssimas na academia, mas senti uma empatia imediata com ela e com toda a situação, e resolvi me oferecer para ajudar no que fosse preciso. E ela soube bem usar essa minha disponibilidade. Nos encontrávamos antes e depois das reuniões e fomos aprendendo a lidar com esse novo momento juntas.

Para mim, Bruna, o contato com a Suziane foi um divisor de águas, pois eu já tinha uma certa expectativa em construir relações no curso a partir da minha entrada no mestrado. Já ouvi de alguns professores que no mestrado e doutorado conhecemos colegas que nos acompanham durante nossa trajetória e que assim, contribuem para nosso crescimento pessoal e acadêmico. Por conta da pandemia, realizar o mestrado de maneira remota acabou dificultando um pouco este processo. Cada aluno estava vivenciando o mestrado, e conseqüentemente, a pandemia, de maneira diferente. Então, realizar atividades em grupo tinham este momento de vergonha inicial (por minha parte), pois eu não conhecia ninguém. Mesmo assim, consegui me aproximar de duas pessoas da minha turma. Uma colega que fazia todas as disciplinas comigo e estava na mesma linha de pesquisa, e um colega que fiz trabalho junto em uma das disciplina.

Este contato foi importante nesses primeiros meses, pois conseguimos nos ajudar na elaboração de trabalhos, leitura de textos, construção do artigo final para a disciplina. Porém, passado este momento de disciplinas obrigatórias, o contato acabou sendo perdido, por conta de fatores que eu nem mesmo consigo entender.

Com este processo de orientação remota e em grupo, foi quando conheci a Suziane. Ela possuía a experiência de ter iniciado o mestrado de maneira diferente da minha (presencialmente) e já tinha passado pelas disciplinas, então pode me ajudar (e muito!) nos trabalhos, presença nos congressos, produções, mas também ouvindo e trocando angústias e estratégias para enfrentá-las.

Ainda que não haja muita discussão sobre relação interpessoal entre colegas na academia, Valente e Almeida (2020) ressaltam que tem um crescente interesse referente à importância das emoções no contexto educativo. Ela é fundamental para nossa motivação, qualificação pessoal e profissional, e é sobre ela que a partir das nossas

vivências é que vamos refletir. Para dar conta desse artigo, contamos com a autoetnografia porque abordaremos o assunto a partir daquilo que nos passou parafraseando Larrosa (2002).

“Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura” (LARROSA, 2002, p.24). Nessa citação, Larrosa se refere a uma passividade feita de paixão, de paciência e de atenção. E foi assim que nos propusemos ser e construir em conjunto essa experiência.

Em meio a pandemia, fomos as mais produtivas que conseguimos: participamos de eventos, produzimos para anais de congresso e desenvolvemos nossas dissertações.

Esses detalhes foram para contextualizar que a relação interpessoal na pós-graduação representa um forte impulsionador da produção e um ponto crucial no prazer de experienciar a academia. Ter alguém em quem confiar e que a gente possa contar nem que seja só para dizer que tudo vai dar certo, é tão confortante que nos possibilita percorrer o caminho universitário de forma mais suave. Santos, Oliveira e Dias (2015) avaliam a amizade construída durante o percurso acadêmico como um dos influenciadores na adaptação à universidade.

Precisamos falar mais sobre este assunto e avaliar várias estratégias para alavancar a potência que o outro destrava em nós pelo simples fato de termos alguém em quem confiar. Algumas relações podem ser formadas nas disciplinas obrigatórias, outras nas eletivas, umas no grupo de pesquisa, outras em projetos de extensão, enfim, entender e valorizar as relações entre os estudantes pode ser um caminho para produções mais prazerosas e verdadeiras e que faça nossa passagem no meio universitário mais feliz.

METODOLOGIA

A metodologia escolhida para a produção de dados desta pesquisa foi a autoetnografia. A autoetnografia é um texto composto por uma ou mais vozes dos sujeitos que “representa a experiência pessoal no contexto das relações, categorias sociais e práticas culturais, de forma que o método procura revelar o conhecimento de dentro do fenômeno, demonstrando, assim, aspectos da vida cultural que não podem ser acessados na pesquisa convencional” (MOTTA & DE BARROS, 2013, p. 1340).

Podemos caracterizar a especificidade do método autoetnográfico no reconhecimento e a inclusão da “experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como memória, autobiografia e histórias de vida, por exemplo) e os fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos, barreiras por existir uma maior ou menor proximidade com o tema escolhido, etc.)” (SANTOS, 2018, p. 219).

Acreditamos, assim como Holman-Jones (2005) que:

A autoetnografia é um gênero turvo... uma resposta à chamada... é a criação de uma cena, a contação de uma história, tecendo ligações intrincadas entre vida e arte... fazendo um texto presente... recusando categorizações... acreditando que as palavras importam e escrevendo para o momento em que o ponto de criar textos autoetnográficos seja para mudar o mundo (HOLMAN-JONES, 2005, p.765).

Escolhemos esta metodologia e estilo de escrita, pois acreditamos no potencial transformador das trocas de vivências, propondo novos olhares e reflexões a partir do que experienciamos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Concordamos com Ribeiro e Bolsoni-Silva (2011) *apud* Reyes Júnior e colaboradores (2019) que sinalizam que quando as vivências acadêmicas não garantem ao universitário uma boa qualidade de vida, acabam por promover experiências negativas e estressantes ao estudante, dessa forma influenciando em seu desempenho acadêmico e gerando um possível quadro depressivo.

Abordaremos para exemplificar nossas vivências em alguns ambientes acadêmicos como estratégia de reflexão e comparação com o que experienciamos juntas no mestrado.

Grupo de Pesquisa

Para fazer um mestrado não é necessário fazer parte de um grupo de pesquisa, mas fazer parte de um pode ajudar a novos contatos e novas interações. Diferente dos colegas de disciplinas que nem sempre farão as mesmas opções que você, o grupo de pesquisa tem uma periodicidade e faz com que você crie intimidade com mais pessoas e

que conte com algumas para indicações de textos para sua pesquisa, leitura crítica da sua escrita, sugestões para participação em eventos e até algumas parcerias de produção.

O que devemos estar atentos é sempre buscar relações éticas e saudáveis. Nada que seja obrigatório, contra a sua vontade, traz benefícios para sua saúde mental. Não esqueçamos que aqui tratamos das relações interpessoais que promovem o nosso desenvolvimento, mas algumas relações acadêmicas podem ser bastantes abusivas.

Falta de autonomia na escolha de textos para discussão

Fiz parte de um grupo de pesquisa onde tinham alunos de graduação e da pós que integravam o laboratório, mas também tinha a participação de professores de outros departamentos, colegas de nossa orientadora. Porém, essa experiência não foi tão prazerosa quanto eu esperava. Para a discussão dos textos, não tínhamos muita autonomia na escolha destes, sendo eles escolhidos de acordo com o interesse da professora coordenadora. Havia também a vontade de, a partir dessas discussões, produzir um artigo de revisão com nossos pareceres. Mas ao final de tudo, esta produção acabou ficando de lado e os pareceres foram usados em trabalhos de outras pessoas.

Reunião de Orientação

A reunião de orientação pode ser um momento de cobranças, dúvidas, angústias ou também de trocas, compromisso, incentivo. Participei de reuniões em que a orientadora criava disputas e competição entre as orientandas, como uma forma de “incentivar” o trabalho de cada. Claro que isso gerava mais insegurança em nossa pesquisa e até mesmo uma falta de confiança na colega que poderia ser uma forma de apoio durante este momento difícil que é concluir um trabalho acadêmico. Gerar esse tipo de desavença, me causou (e causa até hoje) uma desconfiança nas minhas relações acadêmicas, pois mesmo depois de muitos anos e entender que aquele processo era construção de uma terceira pessoa (no caso a orientadora), construir uma relação de confiança com alguém academicamente é difícil. Foi e é necessário muitos processos de autoconhecimento para que todas essas partes sejam reconhecidas e integradas dentro de mim. E é por isso que, hoje em dia, posso estar construindo este artigo em conjunto com outra pessoa.

Nossa experiência atual é muito prazerosa. Em nosso grupo de orientandas costumamos levar para discussões algumas dificuldades para que as colegas opinem. E esse círculo virtuoso se repete fazendo com que a cada encontro possamos aprender com a vivência da colega. Não percebemos espaços de disputas. Tanto que nós (Suziane e Bruna) nos aproximamos por conta desses encontros.

Produção Acadêmica

Colega é aquele que vai compartilhar das suas dores e compreender sua situação porque ele está vivenciando as mesmas coisas. Isso não significa ser dependente de uma pessoa, mas é bom construir uma relação de trocas.

Percebemos que produzir passou a ser mais divertido. Criamos uma rotina de encontros online pelo Google Meet e nos comprometemos a ler, corrigir e criar discussões para que a partir disso possamos escrever. Muitas vezes, quando relatamos experiências do processo de mestrado uma para outra, identificamos questões importantes que ajudariam outras pessoas ao lerem nosso texto e aí anotamos essas ideias no documento que criamos em nosso drive e isso se torna parte da nossa escrita.

Poder contar com uma colega de trabalho impulsiona a escrita do texto, em meio a tantos compromissos que a pesquisa nos impõe, ter outros assuntos para refletir, debater e escrever oxigena nossa produção. É uma estratégia para não pararmos a escrita, mas quando nenhuma nova ideia

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos assim como Junco (2015) *apud* Reyes Júnior e colaboradores (2019) que ao iniciar uma interação grupal trazemos cargas pessoais vindas de experiências anteriores, que refletem de formas em nossos posicionamentos, visões e sentimentos em relação às situações compartilhadas entre nós mesmas e com quem nos relacionamos durante o mestrado.

Durante a pandemia foi necessário nos repensarmos enquanto pessoas e profissionais. Nos reavaliamos e reinventamos nos âmbitos pessoal, profissional e emocional a partir das experiências que tivemos surgiram novos olhares sobre os já

conhecidos desafios que perpassam nossa vida acadêmica como a produtividade, disciplinas, a escrita da dissertação, orientação enfim, em todos os processos que demandam relações interpessoais na acadêmica.

Ao refletirmos sobre o relacionamento interpessoal ente colegas na pós-graduação a partir da nossa relação no mestrado podemos concluir que independente do formato que ele ocorra, o fator determinante para que essa relação seja prazerosa e produtiva é fundamental que haja acolhimento e comprometimento. Pois, não importa a fase que estejamos na pós-graduação o interesse genuíno do outro em você e no seu projeto é um estímulo à criação intelectual. E nós, autoras, nos aproximamos, identificamos e produzimos acreditando que a relação entre colegas na academia nos ajudou muito e criou um vínculo pessoal e profissional que nos estimula a cada dia avançarmos na carreira acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agrademos à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e FAPERJ (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro) pelas bolsas concedidas ao longo do mestrado. Ao nosso orientador e colegas orientandas pelas trocas e acolhimento.

REFERÊNCIAS

BARDAZI, M. P.; HUTZ, C. S. Rotina acadêmica e relação com colegas e professores: Impacto na evasão universitária. **Psico**, 43(2), 2012.

BARIANI, I. C. D.; PAVANI, R. (2008). Sala de aula na universidade: espaço de relações interpessoais e participação acadêmica. **Estudos de Psicologia Campinas**, 25 (1), 67-75, 2008.

DA MOTTA, P. M. R.; BARROS, N.F. de R. **Cadernos de Saúde Pública** [online] v. 31, n. 6 pp. 1339-1340, 2015.

FARO, A. Estresse e estressores na pós-graduação: Estudo com mestrandos e doutorandos no Brasil. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 29, 51-60, 2013.

GATTI, B. A. Reflexão sobre os desafios da pós-graduação: novas perspectivas sociais, conhecimento e poder. Fundação Carlos Chagas e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação. **Revista Brasileira de Educação**, 18, 2001.

HOLMAN-JONES, S. Autoethnography: making the personal political. In: Denzin N, Lincoln Y, organizadores. **The Sage handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage; p. 763-92, 2005.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, 19, p. 20-28, 2002.

MIRANDA, R. de C. F.; BORTOLETO, M. A. C. O circo na formação inicial em educação física: um relato autoetnográfico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol. 40, n. 1, pp. 39-45, 2018.

OLIVEIRA, M.L.C.; DANTAS, C.R.; AZEVEDO, R.C.S.; BANZATO, C.E.M. Demographics and complaints of university students who sought help at a campus mental health service between 1987 and 2004. **Sao Paulo Medical Journal** 126 (1), 58-62, 2008.

REYES JÚNIOR, E.; REIS, A. L. N.; COSTA, V. F. da S.; DOS SANTOS, Y. A. Relações interpessoais e sua influência na satisfação dos acadêmicos. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S.l.], v. 9, n. 3, p. 206-228, 2019.

SANTOS, B. F. Educação emocional: uma breve discussão. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 18, n. 204, p. 37-50, 2018.

SANTOS, A. S. dos; OLIVEIRA, C. T. de; DIAS, A. C. G. Características das relações dos universitários e seus pares: implicações na adaptação acadêmica. **Psicologia: teoria e prática**. São Paulo. vol. 17, n. 1, p. 150-163., 2015.

VALENTE, S.; ALMEIDA, L. S. Educação emocional no Ensino Superior: Alguns elementos de reflexão sobre a sua pertinência na capacitação de futuros professores. **Revista E-Psi**, 9(1), 152-164, 2020.